

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
INSTITUTO VILLA-LOBOS  
LICENCIATURA EM MÚSICA

A HETEROGENEIDADE NAS TURMAS DE PERCEPÇÃO MUSICAL DA  
UNIRIO: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR

FLÁVIA SALLES CAPPELETTI

RIO DE JANEIRO  
2011

A HETEROGENEIDADE NAS TURMAS DE PERCEPÇÃO MUSICAL DA  
UNIRIO: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR

por

FLÁVIA SALLES CAPPELLETTI

Monografia apresentada ao Instituto Villa-Lobos,  
Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Licenciado em  
Música, sob a orientação do Professor José  
Wellington Santos

Rio de Janeiro, 2011

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e à minha irmã por todo apoio e amor.

Aos professores José Wellington Santos, Carlos Alberto Figueiredo e Lucia Barrenechea, pela grande colaboração na minha formação.

Aos professores Silvia Sobreira, Adriana Miana, Cândida Borges e Pablo Panaro pela confiança e generosidade.

Às minhas queridas amigas da UNIRIO Karin Verthein e Isabella Viggiano, pelo carinho e companheirismo.

Aos meus colegas músicos Tatiana Macedo, Alexandre Diniz, Luciana Lazulli, Guilherme Carrera, Ugo Luna e Gustavo Coelho, com quem muito aprendi.

CAPPELLETTI, Flávia S. *A Heterogeneidade nas turmas de Percepção Musical da UNIRIO: Um desafio para o professor*. 2011. Monografia – Licenciatura em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

## RESUMO

Esta monografia apresenta um trabalho de pesquisa que teve como objetivo fazer uma análise crítica das condições atuais da disciplina Percepção Musical, nas graduações em música da UNIRIO, no que tange à questão da heterogeneidade das turmas, segundo o ponto de vista de seus atuais e ex-professores. Pretendeu-se mensurar o quanto a diversidade de perfis de alunos influencia e/ou gera problemas para o trabalho do professor da matéria em sala de aula, assim como listar as ações ditas mais efetivas para a superação dos desafios causados por tal pluralidade. As idéias de Carlos Granja (2006) sobre conhecimento a partir da junção da percepção e da conceituação, as de Cristina Gerling (1995) sobre o papel do educador musical e as de Virginia Bernardes (2006) sobre a continuidade do aprendizado musical serviram de apoio teórico para elaboração do conceito de heterogeneidade de percepções, bem como da delimitação dos objetivos da disciplina Percepção Musical. Foram realizadas entrevistas com atuais e ex-professores da disciplina da UNIRIO que resultaram em descrições da heterogeneidade e sugestões de estratégias pedagógicas, metodológicas e organizacionais para lidar com a mesma.

Palavras-chave: Percepção Musical – Heterogeneidade – Educação Musical.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I – A PESQUISA .....	6
CAPÍTULO II – METOLOGIA E RESULTADOS PARCIAIS .....	13
Resultado das Entrevistas	
Resultado da Análise das Entrevista	
CONCLUSÃO .....	34
REFERÊNCIAS .....	38

## INTRODUÇÃO

As sensações e as percepções são fatores fundamentais para a construção de reflexos da realidade e estão, por isso, presentes em todos os processos de aprendizagem. As primeiras representam as formas iniciais e elementares desses processos, limitando-se às captações sensoriais de estímulos. As percepções, por sua vez, permitem o desenvolvimento da aprendizagem que se dá em conjunto com fatores psicológicos como memória, linguagem e pensamento e, assim, compõem os estágios de reconhecimento, armazenagem, codificação e comparação de estímulos. A percepção musical, portanto, se inicia a partir da dimensão sensorial e é desenvolvida com a contribuição de fatores como atenção, processos de codificação, de agrupamentos e de compreensão musical.

A percepção da língua falada somente é possível através da assimilação do sistema fonemático (língua). É esta assimilação que permite que o ouvido do homem se organize e, assim, perceba o discurso sonoro. Analogamente, um indivíduo pode ter uma percepção musical diferenciada na medida em que assimila o sistema musical. Tal apropriação se dá através das suas próprias vivências musicais e da educação musical a que tem acesso. Dessa forma, pode-se dizer que é papel fundamental do professor de música, assegurar os meios pelos quais a percepção do estímulo sonoro possibilite o seu reconhecimento, armazenamento, codificação e interpretação deixando, assim, de ser mero estímulo e passando a ter significado musical (Gerling, 1995, p. 22). Quando isso ocorre, temos a compreensão musical, que nada mais é do que a relação efetiva entre percepção e cognição, como explica Gerling (1995, p. 26):

Na audição de uma nova peça musical, se situarmos o conteúdo e estabelecermos uma comparação com peças semelhantes que já conhecemos, podemos estabelecer um período e prever o que será ouvido, como o discurso musical vai se desenrolar. Há uma expectativa que

será confirmada ou não. Esta expectativa ou a capacidade de fazer uma previsão do que vai ser ouvido é o encontro entre a percepção e a cognição.

É a partir daí que podemos diferenciar o ‘ouvir’ do ‘escutar’. O primeiro está relacionado com a dimensão sensorial, que é a captação física do som. Escutar, por sua vez, depende de significação ao que se ouve, e está, portanto, relacionado à dimensão interpretativa, que é a percepção e que se aproxima, assim, dos processos cognitivos. Sendo assim, é o ‘escutar’ que nos interessa aqui, pois está ligado à relação que criamos entre som e conhecimento. Este último, como afirma Granja (2006), é o “resultado de uma articulação contínua entre os processos perceptivos e os momentos de elaboração conceitual” (p. 47).

Levando em conta essas considerações, podemos afirmar que a disciplina Percepção Musical é de fundamental importância no desenvolvimento da compreensão musical do aluno, pois é através dela que o estudante aprende a perceber auditivamente o significado dos códigos da linguagem musical e a relacionar a sua percepção auditiva à sua capacidade de conceituar, comparar, agrupar e finalmente, compreender.

No contexto dos cursos superiores de música, a matéria Percepção Musical deve, assim, oferecer estudos de noções musicais que englobam vivência, conteúdo musical e sentido auditivo, nos diversos níveis de aprendizado. Cabe ressaltar que aqui levamos em consideração funções da disciplina que estão mais relacionadas às práticas auditivas e performáticas, bem como às necessidades cognitivas e sua relação com o aprendizado. A matéria é item disciplinar da Teoria da Música, assim como as disciplinas Harmonia, Análise Musical e Contraponto. Porém, consideramos aqui uma especificidade da Percepção Musical que é a ligação entre conhecimentos teóricos e aqueles construídos a partir da prática, em que estão articuladas, a escrita, a audição e a execução.

Historicamente, a disciplina esteve sempre atrelada ao desenvolvimento da graduação em música no Brasil, provavelmente desde os seus primeiros cursos (Otutumi, 2008, p. 8). Além disso, é na maior parte das graduações, disciplina obrigatória. Internamente, ela se

estrutura geralmente em três frentes - melódica, rítmica e harmônica - e seus conteúdos são transmitidos de modo a contemplar práticas de leitura e escrita musical, através das atividades principais de solfejo e ditado, além de práticas auditivas de reconhecimento de intervalos, de acordes e de encadeamentos harmônicos, buscando desenvolver, de forma geral, o ouvido relativo. Dessa maneira, o ensino da Percepção Musical pressupõe atuações que estabeleçam vínculo entre treino e compreensão.

O ensino dessa disciplina possui, basicamente, duas linhas de trabalho. Uma delas está relacionada com treinamento auditivo. Esta vertente tem como objetivo desenvolver habilidades através de exercícios que, na maioria das vezes, requer do estudante alto domínio da escrita e da audição discriminada. Ditados melódicos sofisticados e solfejos em diferentes claves são exemplos de atividades próprias dessa linha. Por outro lado, existe uma segunda visão que pretende tratar a disciplina como ferramenta para a compreensão musical e, assim, estabelece o conhecimento global como prioridade, integrando a ele aspectos emocionais numa condução mais subjetiva da matéria (Otutumi, 2008, p. 19). Nos últimos tempos, essas duas correntes reconhecem cada vez mais suas importâncias e vantagens e, caminham, dessa forma, para uma junção de suas propostas, onde as duas concepções podem complementar-se (Otutumi, 2008, p. 27).

Dentre os incontáveis traços da realidade existente em turmas de Percepção Musical de graduações, nos chama atenção um fato que é visto consensualmente, e em nível nacional, pelos professores da matéria, como a maior dificuldade para o desenvolvimento da disciplina: o nível heterogêneo de conhecimento entre os estudantes (Otutumi, 2008, p. 194). Essa heterogeneidade afeta diretamente o trabalho do docente, gerando muitos desafios.

A diversidade do corpo discente se manifesta de variadas maneiras, sendo, uma delas, o rendimento dos alunos. De forma geral, se percebe três faixas de rendimento na disciplina: A faixa mais baixa se refere aos discentes que nunca estudaram percepção musical de forma

sistemática e convencional. Esses muitas vezes se tornam resistentes ao estudo; De outro lado, estão os estudantes que já possuem vivência nesse tipo de trabalho e que apresentam bom rendimento; Existe ainda uma faixa intermediária. Quanto aos perfis de alunos que comumente se encontram em uma ou outra faixa, além da experiência com estudo da percepção, observa-se que estudantes que possuem vivência musical variada vão melhor que, por exemplo, os que se restringem a um instrumento (Otutumi, 2008, p 73-74).

Tal desnível não causa, somente, dificuldades para o professor da disciplina. Os estudantes também sentem essa heterogeneidade e incomodam-se com ela (Otutumi, 2008, p. 73). Ainda, é comum que alunos acabem por desistir dos estudos ao sentirem muitas dificuldades, pois acreditam serem incapazes de realizar o que se propõe em sala de aula. Essa heterogeneidade deve sempre ser levada em conta pelo educador, pois diferentes vivências geram diferentes necessidades de aprendizagem, além de ritmos diversos de assimilação de conteúdos e desenvolvimento de habilidades.

Sendo assim, é natural que discentes que estudaram música por anos de forma acadêmica não possuam as mesmas necessidades cognitivas de outros que, apesar de possuírem formação instrumental, não freqüentaram cursos de música ortodoxos antes de ingressar na universidade. Além disso, estudantes que possuem diferentes especialidades, como canto, percussão, composição e outras compõem o grupo de alunos de uma turma e requisitam diferentes aquisições de conhecimentos e habilidades. Diferenças de objetivos e interesses são, assim, muito comuns entre o alunado e estão, muitas vezes, associadas a níveis maiores ou menores de dedicação ao estudo da percepção musical. No contexto dessa disciplina, que exige, além de compreensão, um treino efetivo e constante, essas variações no nível de dedicação à matéria ganham importância, pois podem influenciar diretamente no quadro de desnível entre os alunos durante o período em que o curso esteja sendo levado a cabo.

É a partir dessas considerações que decidimos abordar, na presente monografia, o problema da heterogeneidade nas turmas de Percepção Musical do nível superior. Motivar alunos com tão diferentes expectativas, além de fazer com que a experiência na disciplina seja igualmente proveitosa para estudantes que possuem níveis discrepantes de conhecimento na área, configura um desafio realmente significativo para o professor. Por isso, resolvemos abordar o problema segundo o ponto de vista dos docentes para que, assim, possamos reconhecer mais claramente essas dificuldades e vislumbrar suas possíveis resoluções.

Assim, pretendemos, a partir deste trabalho, fazer uma análise crítica das condições atuais da disciplina Percepção Musical nos cursos de Licenciatura em Música, de Arranjo, de Composição, de Regência e de Bacharelado em Instrumento da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) no que tange à questão da heterogeneidade das turmas, segundo o ponto de vista de seus atuais e ex-professores.

Foi escolhida a UNIRIO como campo para o presente estudo por se tratar de uma universidade que possui professores de Percepção Musical que têm como característica, o envolvimento engajado com a disciplina. Além disso, por ser a instituição de ensino freqüentada pela pesquisadora, o constante contato com professores e alunos pôde permitir eventuais encontros e conversas que poderiam vir a enriquecer o trabalho.

## CAPÍTULO I

### A PESQUISA

De forma geral, procuramos mensurar o quanto a diversidade de alunos influencia e/ou gera problemas para o trabalho do professor da disciplina em sala de aula, assim como listar as ações ditas mais efetivas para a superação dos desafios causados por tal pluralidade.

Buscar as possíveis razões para a existência de desnível entre estudantes também figurou como um dos objetivos da pesquisa. Procuramos obter informações sobre o ponto de vista dos professores em relação à influência do vestibular (cursos preparatórios e provas), da educação musical de base, do ouvido absoluto, bem como das diferenças de interesses e vivências musicais existentes entre os alunos.

Tendo isso em vista, se pretendeu vislumbrar quais seriam as habilidades necessárias ao professor da disciplina, principalmente no lidar com essa heterogeneidade. Além disso, buscamos constatar a existência ou não de estratégias da atual equipe de professores para fazer frente, de forma planejada e abrangente, a essa multiplicidade de alunos.

Interessou-nos saber que tipo de material é utilizado pelo professor nas aulas da disciplina, e se há uma estratégia de adequação no uso desse material visando um bom aproveitamento por parte de todos os discentes. O repertório abordado pelos docentes também foi de nosso interesse, pois pretendíamos verificar a existência de alguma tendência nesse sentido, a partir de eventuais focos em alguns gêneros, e diagnosticar se há alguma contradição entre tais escolhas e os interesses e demandas de parte do alunado.

Outros assuntos concernentes ao tema da pesquisa foram abordados como a importância e a efetividade da disciplina nos cursos contemplados e ainda o ensino da Percepção Musical de modo geral. Naturalmente, foi focalizado o problema da heterogeneidade o que, porém, não

causou necessária exclusão de nenhuma questão importante que pudesse ter surgido ao longo da pesquisa.

O presente trabalho tem validade, pois são inúmeras as lacunas de conhecimento existentes sobre o desenvolvimento da percepção musical nos alunos de graduação em música. Estudos sobre o tema estão surgindo na atualidade, pois se torna cada vez mais evidente a necessidade de reflexões que levem ao desenvolvimento da disciplina, principalmente no Brasil. Barbosa (2005) enfatiza isso ao afirmar ser “urgente a realização de estudos que possam levar [...] à compreensão da percepção como processo a ser desenvolvido através da Educação Musical [...]” (p. 96).

Há também uma escassa fonte de materiais referenciais para o professor da disciplina. Quanto a essa realidade, Bhering (2003, p.2) ressalta que as necessidades do músico popular não são contempladas de forma satisfatória pelos livros didáticos existentes no mercado. Se compararmos a realidade brasileira com a de outros países, constataremos mais enfaticamente essa falta. Como nos mostra Otutumi (2008, p. 43), a profícua produção norte-americana de métodos e softwares para a disciplina nos mostram o quanto a Percepção Musical no Brasil precisa de pesquisadores interessados em modernizar a disciplina.

Um dos muitos desafios enfrentados pelo professor de Percepção é o de motivar os alunos ao estudo (Otutumi, 2008, p.194). Há, portanto, necessidade de adaptações que tornem a matéria mais estimulante, por estar associada a uma melhoria efetiva na vida musical dos estudantes. A mecanicidade muitas vezes guia a disciplina e isso faz com que ela se afaste da realidade musical dos alunos, o que pode desmotivá-los. Dessa forma, urge que educadores musicais pensem a matéria e realizem pesquisas que visem ao seu desenvolvimento e melhoria.

De qualquer forma, são várias as declarações de que a disciplina precisa se atualizar. Barbosa (2005), por exemplo, demonstra preocupação com mudanças de visão, pois propõe

uma nova perspectiva teórica, baseada em Vigotski. Grossi e Mantandon (2005), por sua vez, enfatizam as questões metodológicas, evidenciando a necessidade de modernização da disciplina a partir de uma crítica à ênfase no pensamento fragmentado. Salientando a falta de recursos materiais adequados estão Lacorte (2005) e Bhering (2003). Esses são apenas alguns exemplos da enorme carência de estudos sobre a Percepção Musical.

Essa escassez de pesquisadores interessados pela disciplina faz com que os docentes sejam, muitas vezes, os únicos responsáveis pelos programas de ensino, bem como por qualquer mobilização frente à disciplina, sendo, dessa forma, os únicos agentes conectores entre universidade e aluno.

Sendo assim, e ressaltando que o problema da heterogeneidade é visto como um dos maiores desafios enfrentados pelo professor da disciplina em todo o Brasil (Otutumi, 2008, p.194), a monografia aqui apresentada oferece uma pequena contribuição e colabora, assim, para uma evolução da Percepção Musical.

Compartilhamos a idéia de que o desenvolvimento da percepção musical se encontra potencialmente presente em todos os momentos de vivência musical do indivíduo, pois, pensando a mesma como um processo iniciado a partir da dimensão sensorial da audição e desenvolvido através de fatores como atenção e processos de codificação, se pode afirmar ser possível a sua ocorrência em situações vividas fora da sala de aula, como por exemplo, em práticas de conjunto.

No entanto, por também considerarmos que a percepção musical como forma de conhecimento progride na medida em que o indivíduo assimila o sistema musical, afirmamos que seu desenvolvimento está intimamente relacionado aos processos de conceituação. Ou seja, a percepção não se desenvolve de forma espontânea, sem a participação de elaborações teóricas e conceituais, pois é a partir da articulação entre percepção e essas elaborações, que se dá o conhecimento (Granja, 2006).

Dessa forma e assim como Gerling (1995), consideramos que o papel fundamental do professor de música é oferecer condições para codificação e interpretação do estímulo sonoro na percepção, fazendo com que esse tenha significado musical. Quando isso ocorre, temos a compreensão musical, a relação efetiva entre percepção e cognição.

Sendo assim, a disciplina Percepção Musical proporciona ao estudante, o aprendizado dos significados dos códigos da linguagem musical, através da relação da sua percepção auditiva com a sua capacidade de conceituar, comparar, agrupar e compreender. A matéria deve abranger, portanto, vivência, sentido auditivo e conteúdo musical, articulando constantemente a escrita, a audição e a execução. Acreditamos que o professor da disciplina deve concentrar seus esforços em permitir que o aluno relacione o que aprende em sala de aula com a sua vida musical como um todo, sob pena de, se isso não ocorrer, a disciplina cair na mecanicidade e perder o seu real sentido.

É importante ressaltar que, quando falamos em heterogeneidade de níveis de rendimento, não consideramos a aptidão como uma habilidade inata. Os diversos níveis de rendimento ocorrem a partir dos diferentes acessos a educação musical e da diversidade de interesses e objetivos pessoais. Pensamos que essa heterogeneidade deve sempre ser levada em conta pelo educador, pois diferentes vivências geram diferentes necessidades de aprendizagem, além de ritmos diversos de assimilação de conteúdos e desenvolvimento de habilidades.

Levando em conta essas considerações, estamos de acordo com Bernardes (2000), ao afirmar que o processo de musicalização exerce uma influência direta no aprendizado posterior, principalmente em Percepção Musical. Segundo ela, é essa disciplina que tem o papel de continuidade e aprofundamento dos conteúdos vivenciados na primeira fase do aprendizado musical. É nesse sentido que consideramos como um dos princípios da matéria, o de sistematizar conteúdos prévios e desenvolver novas habilidades. Sendo assim, podemos

especular que o aluno que inicia seus estudos na disciplina com pouco ou nenhum conhecimento obtido anteriormente, ou seja, com pouca ou nenhuma vivência musical anterior, terá dificuldades na disciplina, pois será menor a quantidade de conteúdos a serem sistematizados, ficando assim, grande parte do curso destinado ao desenvolvimento de novas habilidades, processo este, em geral, mais demorado.

O trabalho da equipe de professores é muito importante para resolução de problemas, estejam eles no âmbito da instituição, da sala de aula ou das relações pessoais. Essa monografia pretende, portanto, investigar de que maneira esse tipo de trabalho poderia auxiliar no enfrentamento do problema da heterogeneidade das turmas. Separar as turmas de acordo com perfis de alunos poderia representar uma possível solução? Aplicar testes de proficiência para alocar os estudantes nos níveis adequados seria uma possibilidade? A uniformidade de trabalhos feitos pelos docentes em sala de aula poderia auxiliar a partir de um claro direcionamento para a disciplina? Hipóteses como essas foram discutidas, pois figura como uma pretensão desse trabalho, sugerir, mesmo que discretamente, um caminho para a amenização de desnível entre os alunos e para um aproveitamento positivo e enriquecedor da multiplicidade. Pretendeu-se delinear os pensamentos dos professores da UNIRIO quanto a esse assunto, constatar se houve melhora na organização da disciplina ao longo dos anos e se, atualmente, há algum tipo de iniciativa relacionada diretamente à diversidade de alunos. Aulas de monitoria, por exemplo, são recursos comumente utilizados para auxílio aos discentes com dificuldades.

A questão do ouvido absoluto é sempre muito presente na vida dos músicos e, no contexto dessa disciplina, a discussão sobre esse tema ganha relevo. Existem crenças muito comuns como a de que o ouvido absoluto esteja ligado a uma facilidade inata. Ao contrário, algumas pessoas acreditam que o mesmo pode ser desenvolvido independentemente da posse ou não de facilidades de nascença. Além disso, existem sinais que demonstram a possibilidade

de haver alguma gradação nesse sentido, pois professores de Percepção afirmam existir alunos que identificam intervalos menores que o semitom, enquanto outros não chegam a tanto, apesar de terem ouvido ‘quase absoluto’ (Otutumi, 2008, p. 76). Apesar das muitas perguntas ainda sem respostas sobre esse tema, não pretendemos aqui estudar o ouvido absoluto analisando suas possíveis causas, mas apenas levar em consideração a presença de alunos com essa característica nas turmas de Percepção Musical e tentar mensurar sua particular influência em sala de aula. Professores da disciplina observam que as dificuldades dos estudantes que possuem ouvido absoluto são diversas das dificuldades dos que não o possuem. Os primeiros, por exemplo, muitas vezes, encontram problemas ao enarmonizar notas e possuem dificuldades para perceber contextos musicais, como harmonias. Apesar disso, ouvem alturas exatas e por isso têm facilidades, principalmente nos ditados melódicos (Otutumi, 2008, p 76-77). Quanto a essa questão, nos interessou investigar se há uma forte incidência de alunos com essa característica na UNIRIO e o quanto essas facilidades e dificuldades específicas influenciam no trabalho do professor de Percepção em sala de aula.

A questão da avaliação também é muito importante quando se trata de lidar com a heterogeneidade. Como os professores pensam seus critérios de avaliação no contexto de pluralidade tão grande existente entre seus alunos? A relativização da avaliação nos parece, talvez, a opção mais adequada. Existem diferentes focos na avaliação? Elas são individuais ou coletivas? Procuramos ter acesso aos processos de avaliação realizados pelos professores da UNIRIO, bem como saber se a heterogeneidade é levada em consideração no momento de suas elaborações.

Toda essa diversidade de perfis de alunos nos permite concluir que são muitas as possibilidades de preparo do estudante para o vestibular. Ou seja, o processo seletivo permite o ingresso de indivíduos com conhecimentos e lacunas de conhecimentos em percepção musical, muito distintos entre si. Gerling (1995, p.23) ressalta ainda que muitos estudantes

ingressam na faculdade sem estarem preparados, por problemas no ensino antecessor. Assim, abrimos espaço para uma reflexão sobre o ensino musical de base, bem como sobre o Teste de Habilidades Específicas (THE) do vestibular da UNIRIO, pois acreditamos que grande parte das razões para a existência de heterogeneidade está diretamente relacionada a esses dois momentos da vida dos alunos. Estamos de acordo com o pensamento de Bernardes (2000) que considera que o processo de musicalização influi diretamente na qualidade do aprendizado posterior, mais especificamente da Percepção Musical. Segundo ela, é essa disciplina que tem o papel de continuidade e aprofundamento dos conteúdos vivenciados na primeira fase do aprendizado musical.

Levando em conta essas considerações, podemos afirmar que a manifestação da heterogeneidade em turmas de Percepção Musical de graduações nos oferece um vasto campo de possibilidades para pesquisa. Buscamos abraçar a maior parte das questões que pudessem surgir através do contato direto com os professores de Percepção Musical da UNIRIO.

## CAPÍTULO II

### METODOLOGIA E RESULTADOS PARCIAIS

Foram entrevistados professores e ex-professores da disciplina Percepção Musical da UNIRIO. A partir dessas entrevistas, pretendemos obter informações sobre aspectos técnicos e pedagógicos de suas atuações (linha de trabalho, bibliografia, materiais de apoio, instrumentos referenciais, avaliações), principalmente no que tange à questão da heterogeneidade das turmas.

A pesquisa foi feita através de método qualitativo, pois o nosso objeto se encontra num ambiente restrito, com envolvimento de poucas pessoas.

As entrevistas tiveram caráter semi-estruturado. Ou seja, tópicos de mesma natureza foram expostos aos entrevistados pretendendo-se, porém, que as entrevistas fluíssem de maneira natural, como conversas, abrindo espaço para o surgimento de novas questões e reflexões que pudessem enriquecer o trabalho. Cabe aqui ressaltar que, durante as entrevistas, para fins de registro e com a devida autorização dos professores envolvidos, foi usado um gravador.

Com o objetivo de conhecer melhor os docentes entrevistados, antes das questões principais, foi solicitado a cada um deles que expusesse sua formação, experiência musical e como professor e que comentasse sobre o seu tempo de trabalho na UNIRIO.

De acordo com Bardin (2002), a análise de conteúdo seria “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 38). Ainda segundo a autora, entende-se, por comunicação, todo meio de significações entre emissor e receptor, seja escrito, falado ou mesmo não lingüísticos. Assim, através da análise de conteúdo, se pretende obter indicadores

quantitativos e/ou qualitativos que propiciem a inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção ou recepção dessas mensagens.

Otutumi (2008 p. 67) nos mostra que, na análise de conteúdo quantitativa, é levada em conta a frequência de aparição de certos elementos na mensagem e que, por isso, se obtêm dados descritivos, geralmente através de método estatístico. A análise qualitativa, por sua vez, privilegia a inferência – segundo Bardin (2002, p. 39), proposição admitida a partir de sua ligação com outras proposições aceitas como verdadeiras - com base no índice (tema, termos, problema, personagens etc.), independentemente de sua frequência. Cabe aqui ressaltar que essa é sua característica primordial, mas que, entretanto, não rejeita todo e qualquer tipo de quantificação.

No contexto da presente monografia, buscamos analisar as entrevistas de forma temática ou categorial. De acordo com Bardin (2002), esse tipo de análise baseia-se em operações de desmembramento do texto em unidades, que são diferentes núcleos de sentido da comunicação, para que, depois, estas sejam reagrupadas em classes ou categorias. No entanto, além da análise temática ou categorial, foram também utilizados os processos de interpretação e inferência no tratamento dos dados obtidos nas entrevistas.

## 1.1 Resultado das Entrevistas

### 1.1.1 Entrevista com S1

#### 1.1.1.1 Apresentação

S1 é professora do curso de Licenciatura em Música da UNIRIO desde 2006, precisamente da disciplina Processos de Musicalização. No entanto, durante pelo menos dois períodos, lecionou, também, Percepção Musical (PEM) I e II. Fora da UNIRIO, a sua experiência como docente ocorreu majoritariamente na área de percepção musical. Trabalhou durante 10 anos em curso de extensão da UNIRIO chamado Teoria e Prática da Percepção

Musical (TEPEM), onde afirma ter exercido seu principal trabalho na prática da docência em música. Toca piano, porém considera o trabalho em coro como a sua principal prática musical.

#### 1.1.1.2 O que pensa sobre a disciplina Percepção Musical

S1 considera a matéria Percepção Musical necessária à formação do músico. Reconhece a importância do treinamento auditivo, apesar de ressaltar que a Percepção Musical pode ser ministrada com outros objetivos. Quanto a isso, inclusive, afirma ser o nome da disciplina abrangente demais, pois, para S1, muito do que o músico faz em outras disciplinas e cursos pode também ser considerado Percepção Musical.

S1 explica que o curso de Percepção Musical oferecido nas graduações da UNIRO se detém na parte de treinamento de acorde, intervalo, solfejo, etc., focalizando o que ela chamou de um adestramento de ouvido. Embora acredite, como anteriormente dito, que essa modalidade tenha importância, pensa que outras abordagens poderiam ser contempladas na disciplina. Ainda sobre o adestramento, S1 afirma existir o que chama de “treinamento camuflado”, que ocorre quando o professor não mostra ao aluno o passo a passo do treino, ou seja, os caminhos possíveis de serem percorridos pelo aluno no seu estudo em casa. Além disso, questiona algumas atividades feitas tradicionalmente, como por exemplo, lá com tonalidades, exercício que S1 considera importante somente em casos muito específicos, como o de preparo do regente, pois os músicos, em geral, recorrem ao instrumento para identificar as tonalidades.

Outra atividade feita por tradição nas aulas de Percepção Musical e que é questionada por S1 é a prática do solfejo que ela considera, muitas vezes, torturante para o aluno. A ela, causa estranheza, o estudo solitário do solfejo, pois aprendeu a solfejar cantando em coros. Acredita ser comum que os músicos recorram ao instrumento quando precisam ler uma

partitura mais complexa e que, portanto, o estudo do solfejo se tornaria algo com pouca aplicabilidade prática. Dessa forma, ela propõe que os solfejos sejam feitos em grupo, como num coro, pois, assim, o aprendizado torna-se mais prazeroso e realista. É, portanto, contrária ao solfejo feito individualmente nas avaliações, pois afirma que esse tipo de teste abala psicologicamente a pessoa, fazendo com que a disciplina não contemple os alunos, e sim os humilhe.

Quando deu aulas de Percepção na UNIRIO, sentiu que precisava seguir o modelo de atuação dos outros professores da disciplina, pois seus alunos certamente prosseguiriam com outros docentes no decorrer do curso. Dessa forma, não pôde ter uma prática docente que realmente propusesse essas mudanças nas quais acredita. Essa unidade que ocorre entre os trabalhos dos docentes parece não ser planejada, pois S1 observou que não existe integração entre professores da disciplina. Acredita, porém, que essa pode ter sido uma impressão advinda do fato dela não fazer parte da equipe que oficialmente é responsável por lecionar a matéria. Apesar disso, supõe que faltem iniciativas no sentido de se decidir conjuntamente quais práticas devem ser contempladas, e de que maneira, dentro da disciplina.

#### 1.1.1.3 O que pensa sobre a heterogeneidade nas turmas de Percepção Musical da UNIRIO

Para S1, o fator psicológico influencia diretamente no rendimento dos estudantes na disciplina, pois observa que alunos que possuem bom ouvido podem vir a ter dificuldades na matéria por razões de nervosismo, inibição ou falta de confiança.

De forma geral, descreveu os seguintes perfis de alunos: 1) Bons e exibidos. Estes, muitas vezes, tumultuam o trabalho em sala de aula; 2) Bons e discretos; 3) Que possuem facilidades com a prática do solfejo, geralmente cantores e instrumentistas de sopro. Acredita que a confiança e pouca inibição colaboram para seus bons rendimentos; 4) Bons nos ditados ou em teoria, mas com dificuldades em outros aspectos; e 5) Músicos criativos, bons

improvisadores, mas que, no entanto, possuem dificuldades para sistematizar o pensamento quando fazem os ditados, muitas vezes por falta do passo a passo.

S1 aponta que a heterogeneidade acarreta falta de aproveitamento do curso, tanto para os alunos mais fortes como para os mais fracos. A presença de estudantes com diferentes níveis de rendimento faz com que o discente com dificuldades se sinta humilhado, enquanto o estudante que possui mais facilidades entedia-se pela falta de atividades desafiadoras.

O vestibular é tido por S1 como um dos maiores causadores dessa heterogeneidade. Ela questiona a correção da prova de Percepção do Teste de Habilidades Específicas (THE), pois nesta utilizam-se de justificativas não subjetivas, e sim matemáticas, na hora de considerar acertos e erros. Então, muitas vezes, o vestibulando comete erros musicalmente grosseiros, porém matematicamente aceitáveis e, assim, é aprovado mesmo tendo uma considerável lacuna em compreensão musical.

*S1: “Então às vezes o compasso é 2/4 e a pessoa escreve em 6/8, tudo equivocado, musicalmente equivocado, mas matematicamente cada colcheia está equivalente à colcheia do ritmo correto, digamos. Ou seja, a proporção está mantida, mas o compasso era tético e o candidato escreveu que era anacrústico. Isso quer dizer que o ‘balanço’ era de um jeito, mas foi escrito de outro. Mas matematicamente aquilo ali estava certo... Então você passa aquela pessoa, mas percebe que ela não sabe o básico”.*

Quanto ao preparo desse aluno para o vestibular, S1 ressalta a ausência de uma opção, no segundo grau, de preparatório para o teste de habilidades específicas. Isso dificulta o ingresso na graduação em música e, assim, bons músicos, muitas vezes, acabam por não conseguir esse acesso, pois não tiveram a possibilidade de se prepararem na leitura e escrita musicais.

#### 1.1.1.4 Ações práticas para lidar com a heterogeneidade

S1 considera que, em primeiro lugar, o professor de Percepção Musical deve se preocupar com o envolvimento psicológico dos alunos na disciplina, buscando tranquilizá-los.

Uma de suas estratégias para lidar com a heterogeneidade é a de dar aulas num nível alto de dificuldade e, posteriormente, facilitar na hora da prova, de modo que uma nota oito possa ser considerada baixa. Sendo assim, ela não tem dúvidas quanto à reprovação de alunos com índice de aproveitamento muito baixo nessas avaliações. De qualquer forma, independente de questões de nota, acha injusta a reprovação de alunos que, apesar de não terem atingido o nível da turma, evoluíram nitidamente ao longo do curso.

Outra ação sugerida por S1 é a de liberar da frequência às aulas, os alunos de alto rendimento. Seguindo esse mesmo raciocínio, antes do final do período, também sugere que os alunos fortes sejam liberados para que essa fase final do trabalho possa ser feita somente com os mais fracos.

Quanto ao vestibular, S1 sugere algumas mudanças, como a inclusão do nivelamento através da prova de ingresso. Para isso, acredita que a prova deveria ser mais longa e que seguisse o mesmo princípio das avaliações de nivelamento de cursos de inglês, em que a pessoa segue em frente até que não consiga mais responder as questões. Dessa forma, essa prova traçaria o perfil do aluno, algo que, na opinião de S1, não é feito pela avaliação que hoje se faz. Ela acredita que a prova de percepção do THE deveria ser feita apenas com esse fim, sendo o exame de instrumento o único eliminatório. Dessa forma, o curso de Percepção Musical começaria, no seu nível I, a partir do zero. Ela pensa que, no processo seletivo, os candidatos zerados em percepção musical deveriam entrar em turma iniciante, que preparasse para o atual primeiro nível. Os demais ingressantes, por sua vez, seriam alocados nos diversos níveis. Ela enxerga, entretanto, que essa modificação esbarraria em problemas curriculares, pois, levando-se em conta a ementa do curso e a quantidade de períodos disponíveis para a disciplina, essa manobra não seria possível sem que se aumentassem o número de níveis.

Outra sugestão de S1 para lidar com a heterogeneidade seria a implantação de curso de férias, que serviria como reforço para turmas mais fracas de Percepção. Essas turmas já teriam sido formadas a partir do resultado do teste de nivelamento do vestibular e, assim, teriam uma carga horária semestral maior com a inclusão do curso de férias. S1 explica que é favorável à formação de pelo menos uma turma forte e uma fraca em PEM I. O objetivo seria o de, com esse reforço, levar essa turma mais fraca a alcançar o nível da turma mais forte, diminuindo esse desnível entre os alunos. Outro recurso que, segundo S1, poderia ser utilizado é o da formação de turmas de monitoria para atuação durante o período letivo.

Além dessas medidas, S1 considera importante a existência de unificação de conteúdos e enfoques dados por todos os professores de Percepção Musical da UNIRIO. Propõe uma unidade que, porém, respeite a característica de cada professor. Para isso, sugere que os docentes se reúnam com alguma frequência para refletir sobre questões como: o que é percepção; o que a disciplina quer; qual a utilidade da disciplina. A partir desses debates, ela acredita que os professores poderiam decidir que tipo de percepção musical priorizar e, assim, compor uma proposta metodológica para disciplina.

## 1.1.2 Entrevista com S2

### 1.1.2.1 Apresentação

S2 tem como principal experiência em docência, o trabalho com Percepção Musical. Sua primeira atividade foi como monitor da disciplina Percepção Musical da UNIRIO. Após isso, foi também monitor do curso de extensão da UNIRIO, o TEPEM, logo se tornando professor do mesmo curso. Quando o TEPEM saiu da UNIRIO para se tornar um curso livre chamado Sistematização e Treinamento em Música (Sistemus), S2 se manteve no quadro docente, onde trabalha até hoje. Além disso, dá aulas particulares e foi professor de Percepção na Universidade de Barra Mansa (UBM) por um semestre. Quando ingressou no mestrado da

UNIRIO, teve a oportunidade de cumprir o seu estágio ministrando a disciplina Percepção Musical da mesma instituição por dois semestres. Seu instrumento principal é o piano.

#### 1.1.2.2 O que pensa sobre a disciplina Percepção Musical

S2 acredita que, no geral, a matéria Percepção Musical poderia ser mais bem aproveitada no suprimento das necessidades dos músicos. Ele afirma ser possível adaptar o estudo da percepção musical para essas necessidades específicas surgidas das diferentes vivências musicais.

Sobre o ensino da Percepção na atualidade, S2 constata a existência de ênfase na audição e discriminação de elementos musicais específicos. Ele chama atenção, porém, para o fato de a percepção musical ser mais abrangente. Sendo assim, ela poderia ser trabalhada de diversas maneiras e seu direcionamento dependeria do tipo de proposta do professor. Ele propõe uma abordagem mais prática da disciplina, que saia um pouco da teoria e dos elementos musicais isolados, priorizando uma visão mais ampla, que passe pela compreensão musical. Acredita que a percepção musical deve se desenvolver a partir da consciência dos processos pelos quais passa a prática musical da própria pessoa e ressalta que essa proposta já vem sendo levada a cabo por alguns professores. Dessa forma, sugere o uso de diversos instrumentos em sala de aula, precisamente os instrumentos dos alunos, pois assim, se facilitaria a conexão entre o que ocorre em sala de aula e a experiência musical prática dos estudantes. Metodologicamente, sua atuação na disciplina se caracteriza pela abordagem de um campo amplo que vai se afinando. De qualquer forma, S2 demonstra flexibilidade, pois se adapta às propostas dos cursos, atuando tanto da forma tradicional como seguindo propostas mais inovadoras, que envolvem prática instrumental e arranjo.

S2 acredita que o diálogo com outras disciplinas seja ideal, apesar não ver acontecer na prática. Quanto a isso, não diagnostica falta de esforço nas pessoas envolvidas, mas uma

dificuldade que passa por questões burocráticas, de formação dos currículos e de questões práticas como dificuldade de conciliar horários e de realizar sincronia entre professores.

#### 1.1.2.3 O que pensa sobre a heterogeneidade nas turmas de Percepção Musical da UNIRIO

Em primeiro lugar, S2 ressalta que a percepção não é um processo único, pois se diferencia de pessoa para pessoa. É por isso que acredita na artificialidade da escuta desenvolvida nas aulas de Percepção, pois no seu ver comete-se um equívoco ao se buscar que todos ouçam da mesma maneira. S2 observa essa contradição, pois, segundo a ementa, todos os alunos devem ser avaliados da mesma maneira, mas, por outro lado, existe essa variedade humana.

S2: *“A gente tem que impor uma escuta homogênea na percepção, porque a escuta da sala de aula de Percepção, é uma escuta estereotipada, é uma escuta de laboratório, uma escuta, entre aspas, artificializada”.*

Sobre a heterogeneidade, S2 acredita que ela existe por uma questão de vivência. Observa que a percepção tradicionalmente trabalhada em sala de aula prioriza um tipo de orientação auditiva específica e que alunos que possuem muitas facilidades são músicos que, de alguma maneira, já se relacionam com a música dessa forma, que é a de tirá-la de ouvido. Chama atenção para o fato de a percepção mudar de acordo com o instrumento, o repertório e a maneira pela qual a pessoa se relaciona com música.

S2: *“Você vai ser exigido em coisas no seu trabalho que vão levar ao seu relacionamento auditivo com a música e com a sua prática musical pra uma determinada direção”.*

#### 1.1.2.4 Ações práticas para lidar com a heterogeneidade

Primeiramente, S2 acredita que a flexibilidade é importante no lidar com essa heterogeneidade. O ideal é que não se tenha uma proposta muito fechada e que se dê atenção individualizada, a partir da tentativa de entender como cada aluno acessa a música e de se aproximar, assim, da vivência desse estudante. Pensa que exercícios podem ser adaptados para que a pessoa com dificuldade consiga acessar o que está sendo trabalhado.

*S2: “Vamos ouvir esse bloco aqui. Isso para quem não toca instrumento harmônico é muito difícil [...]. Então talvez seja mais interessante você transformar esse bloco em algo mais melódico para a pessoa poder acessar se for um cantor, por exemplo, que tem mais facilidade com a questão melódica”.*

De qualquer forma, pensa que a heterogeneidade pode ser aproveitada em seu aspecto positivo que é a riqueza da diversidade que ela oferece. Nesse âmbito, acredita que o trabalho que se utilize de práticas musicais representa uma possibilidade, pois quando a pessoa toca o seu instrumento, ela traz a sua própria abordagem para entender a proposta.

### 1.1.3 Entrevista com S3

#### 1.1.3.1 Apresentação

S3 veio para o Rio de Janeiro em 1982. Antes, havia feito curso técnico em piano na sua cidade de origem. Quando chegou ao Rio de Janeiro, passou a fazer aulas particulares de Harmonia com Antônio Guerreiro e a frequentar um curso de extensão da UNIRIO de teoria e percepção musical chamado TEPEPEM. Logo após, ingressou no curso de Composição e, posteriormente, no de Licenciatura em Música. Finalmente fez mestrado em Musicologia. Teve a sua primeira experiência como professora quando estudava Composição, dando aulas de monitoria da disciplina Harmonia. Nessa mesma época, participou de um grupo de pesquisa, composição e interpretação com Hélio Senna e, como havia carência de professores na UNIRIO, foi convidada a assumir uma turma de Harmonia. Paralelamente a isso, lecionava

no curso de extensão da UNIRIO, o TEPEM, remanescente do TEPEPEM. O primeiro concurso que fez para UNIRIO foi para professor substituto de Harmonia. Depois, fez para professor de Percepção Musical.

#### 1.1.3.2 O que pensa sobre a disciplina Percepção Musical

S3 vê a educação como um todo como uma possibilidade de inclusão. Considera um ponto importante da educação musical, o trabalho com a subjetividade do indivíduo, a sua sistematização e, finalmente, expressão. Quanto à disciplina Percepção Musical, a julga importante, pois concede oportunidade de abordar outras matérias como harmonia, contraponto, análise e improvisação. Considera necessário o trabalho de independência do aluno nas aulas de Percepção e acredita na importância de se ouvir o outro e de perceber o que se consegue ouvir, tentando sempre ampliar limites. Acredita que essa ampliação seja possível, na medida em que as pessoas se tornem conscientes do que fazem, e que o papel do professor de Percepção está em auxiliar o aluno na busca do que revela a sua subjetividade e expressão. Sendo assim, procura utilizar, por exemplo, o solfejo como ferramenta para a interpretação.

Sobre o ensino da Percepção Musical na atualidade, S3 afirma perceber uma desvalorização da disciplina ao longo dos últimos anos, pela diminuição da duração do curso nos currículos. Contrária a esse movimento, S3 pensa que o curso de Percepção Musical deveria ser estendido e estar presente ao longo de toda a graduação. Argumenta que a Percepção trabalha conteúdos de muitas outras disciplinas do currículo e que, por isso, essa complementação deveria ocorrer durante toda formação do aluno.

Ela chama a atenção para o fato das graduações em música priorizarem alguns tipos de repertório e, portanto, não atenderem todas as demandas relacionadas à música. Sendo assim, ela tenta contemplar trazendo músicas de outras culturas para a sala de aula. Além disso,

costuma pedir para que os alunos tragam músicas que escutem para a sala de aula, apesar de nem sempre conseguir fazer isso por causa da ementa que é muito pesada e faz com que não sobre tempo.

S3: *“A faculdade de música é muito pretenciosa em falar que está trabalhando com música, porque a música é muito mais, a gente faz um corte. Quantas músicas estão surgindo por aí e a gente não sabe, não acolhe?”*

S3 valoriza a pluralidade advinda da presença de professores de Percepção Musical com perfis diferentes, pois considera importante a empatia entre educador e aluno. Quanto maior a quantidade de professores, maiores também são, portanto, as chances de o aluno encontrar um lugar onde se sinta confortável.

#### 1.1.3.3 O que pensa sobre a heterogeneidade nas turmas de Percepção Musical da UNIRIO

Em primeiro lugar, S3 afirma que não existe uma percepção correta, pois cada pessoa ouve à sua maneira. É por isso que considera a troca entre os músicos muito importante, pois assim eles podem experimentar as diversas formas de ouvir. O diferente deve, portanto, ser acolhido e aproveitado no processo de aprendizado. No entanto, observa que algumas pessoas se sentem inseguras e resistentes quando lidam com a diferença.

De qualquer forma, ela vê a heterogeneidade como algo natural, pois afirma que é impossível uma turma não ser heterogênea. Julga, portanto, equivocado ver todos como iguais em percepção, apesar de reconhecer padrões. Estes muitas vezes são expressos na existência de alunos que possuem habilidades maiores com determinados conteúdos. Essas habilidades seriam advindas das suas próprias vivências musicais.

S3 afirma que, por ser a disciplina muito expositiva, torna-se mais perceptível o desnível entre alunos. Somado a isso, observa que existe um discurso que associa a facilidade na disciplina com um dom, uma aptidão natural. Ela enxerga, também, um conflito advindo

dessa heterogeneidade, pois estudantes que possuem muitas facilidades poderiam seguir em frente e vivenciar novos conteúdos, ao passo que a presença de alunos que não acompanham tão facilmente faz com que esse avanço se torne impossível. Segundo S3, isso gera angústia nos discentes, fato que considera perigoso, pois ressalta a importância de não se perder o prazer em fazer música.

S3 vê na educação musical de base a razão para alguns problemas. Ela observa que o enfoque na técnica, por exemplo, gera algumas dificuldades, pois estimula o pensamento fragmentado em música, o que faz com que a pessoa escute de forma a privilegiar a nota isolada.

*S3: “Então, as pessoas, por exemplo, estão trabalhando com armaduras, mas elas nem olham para a armadura. Às vezes é possível se perguntar pra alguns qual é o tom da música que estão tocando e a pessoa não saber”.*

#### 1.1.3.4 Ações práticas para lidar com a heterogeneidade

Segundo S3, a interlocução com o aluno é uma das estratégias mais importantes. Dessa forma, procura sempre se informar sobre como o estudante percebe auditivamente, em uma atenção individualizada. Na hora dos ditados, por exemplo, costuma sentar ao lado de cada aluno e ir trabalhando junto. Acha necessário buscar um entrosamento com o discente, experimentando a percepção que ele traz.

S3 chama atenção para questões psicológicas como nervosismo e inibição que podem afetar o rendimento do aluno e enfatiza que o professor deve ter sensibilidade e delicadeza no tratar com o estudante.

*S3: “Quando você canta para um grupo de colegas seus e está sendo avaliado em relação a isso, você tem que superar muitas questões [...]. Às vezes, as pessoas têm uma*

*expressividade maravilhosa e elas ficam limitadas por um acanhamento, uma vergonha. Como é que você lida com isso, enfim, como é que você acolhe isso?”*

S3 demonstrou, também, preocupação com as avaliações. No final do primeiro bimestre, ela faz duas avaliações, uma na parte melódica e outra na parte harmônica. A partir do resultado, constata as facilidades e dificuldades dos seus alunos e separa a turma em duplas formadas por um aluno forte e outro que apresenta dificuldades. Assim, o primeiro deve auxiliar o segundo com a matéria e, se o estudante mais fraco evoluir, a dupla ganha pontos em sua média final. Ela acha importante incentivar essas parcerias entre os alunos, pois pensa que é vantajoso para todos os envolvidos, inclusive para o discente que ensina que, assim, tem a oportunidade de sistematizar o que já sabe.

Para lidar com a heterogeneidade em termos da organização da disciplina, S3 sugere o nivelamento. Ela acredita que isso poderia acontecer no início do curso, quando os ingressantes assistissem aulas durante 15 ou 20 dias com um professor que passaria esse tempo avaliando os seus níveis. Após esse período, os alunos seriam alocados em turmas de acordo com o resultado desse período de avaliação. S3 também sugere que a formação de turmas menores possa ser um possível facilitador.

Além do nivelamento, é favorável à extinção da prova de ingresso de percepção, pois o seu pensamento é de que, se assim fosse, os professores iriam ter que lidar com a questão da heterogeneidade de forma mais clara e teriam que, de fato, pensar em estratégias para lidar com isso.

S3 menciona que não existe uma interlocução entre os professores de uma mesma disciplina na UNIRIO e pensa que seria positivo se existisse, pois acredita que as reflexões em conjunto são muito enriquecedoras.

#### 1.1.4 Entrevista com S4

#### 1.1.4.1 Apresentação

S4 teve, inicialmente, um foco artístico na sua formação em música. Coursou Bacharelado em piano e fez o mestrado também em piano, quando começou a se interessar por uma atuação mais ampla, em que o instrumento não fosse estudado como uma finalidade em si, mas considerado como parte integrante de algo maior. Foi a partir daí que começou a compor, logo ingressando no curso de Composição. Voltou-se para música eletroacústica e se envolveu também com trilha sonora. Paralelamente a essas atividades, sempre manteve o interesse pela área de pesquisa acadêmica.

#### 1.1.4.2 O que pensa sobre a disciplina Percepção Musical

S4 considera a disciplina Percepção Musical a mais importante da formação do músico, pois é a porta de entrada de todos os conceitos de música e chama atenção para a responsabilidade que é ministrar essa matéria.

*S4: “Ela [disciplina Percepção Musical] é muito delicada de ser trabalhada, porque dependendo da forma, pode bloquear essas vias e eu vejo muito isso acontecer.”*

S4 observa que, muitas vezes, músicos se sentem aptos a ensinarem Percepção e Teoria sem que, no entanto, estejam realmente capacitados para tal. Tanto pela importância da disciplina como pela questão metodológica que a mesma envolve, S4 é favorável à existência de um tipo de formação específica para o ensino de Percepção, pois julga que o professor da disciplina deve ter uma formação didática profunda, um amplo conhecimento de composição, elementos da música, texturas, formas musicais, harmonia, além de ter um constante hábito de pesquisa relacionada a temas como processos de composição e escrita, por exemplo. Por considerar que todas as disciplinas de formação do músico são reunidas em Percepção, afirma ser impossível que uma pessoa com formação elementar possa atuar com qualidade nesse campo.

S4: *“Ensino de Percepção, especialmente com uma ementa como a gente faz aqui, que engloba todos os sistemas tonais, todos os sistemas rítmicos, modais etc. Não... isso com certeza precisa de uma formação bem mais profunda.”*

Além disso, S4 questiona a reprodução de métodos e o tipo de atuação em que professores repetem o ensino pelo qual aprenderam percepção. Ela afirma que, nesse ínterim entre aprender e ensinar, a música evolui muito e é necessário, portanto, que a disciplina também evolua. Acredita que, por conta dessas reproduções, a Percepção de hoje não cobre demandas da música atual, das habilidades que o músico atual precisa desenvolver. É por isso que S4 questiona algumas atividades que se faz por tradição, tópicos das ementas e suas formas de aplicação.

Sendo assim, sua visão pedagógica compreende constante revisão do que é feito em Percepção e o pouco uso de métodos. Começa todas as suas aulas com apreciação musical, pois considera importante lembrar aonde se quer chegar com o estudo e considera motivador começar as atividades com uma referência positiva. A sua prioridade, em sala de aula, é com atividades musicais, especialmente dentro do repertório de atuação de cada aluno, pois seu objetivo é tornar o mesmo independente e consciente da sua atuação em música.

S4: *“O meu sonho era não adotar mais livro nenhum. Era só trabalhar com o repertório, eu acredito nisso: só trabalhar repertório.”*

#### 1.1.4.3 O que pensa sobre a heterogeneidade nas turmas de Percepção Musical da UNIRIO

S4 percebe a existência de diferença entre músicos de formação acadêmica e autodidata. Essa diferença é expressa tanto pelo repertório e estilo como pela forma que aprendem e recebem música.

Além disso, observa que a heterogeneidade é mais gritante em turmas de PEM I e que talvez fosse mais prático se os alunos estivessem todos nivelados. Essa multiplicidade de

níveis, do meio do curso em diante, ela já não sente mais, pois as turmas ficam mais homogêneas. No entanto, S4 sente um incremento no desnível quando recebe alunos novos no meio do curso, porque a adaptação didática e com a metodologia do professor gera uma dificuldade para o aluno. De qualquer forma, ressaltou que suas turmas possuem índices baixos de reprovação e desistência em todos os níveis do curso.

Quando vê a heterogeneidade pelo aspecto da diversidade de estilos e de repertório, S4 a considera rica, pois traz à sala de aula um amplo universo de possibilidades. Nesse sentido, considera importante, para que de fato ocorra essa soma, que os talentos dos alunos sejam aproveitados na aula.

S4 afirma existir uma falha na educação musical de base expressa pela prioridade que se dá ao desenvolvimento da técnica. Assim, o músico não desenvolve nessa fase inicial do aprendizado, a consciência sobre o seu fazer musical e isso faz com que, quando todos os conceitos surgem nas aulas de Percepção Musical, essas falhas venham à tona, dificultando a sua relação com a disciplina. Além disso, profissionais mal preparados para ensinar e obstáculos na hora de estudar (curso é longe, é caro, etc.) fazem com que as pessoas não tenham uma formação musical de base razoável. Dessa forma, quando o músico resolve ingressar na graduação, tenta preencher, num curto período de tempo, uma lacuna muito grande. S4 sente falta de cursos técnicos que façam com que as pessoas desenvolvam sua musicalidade ao longo da vida. Finalmente, sobre o programa de inserção de música nas escolas, mostra certa descrença, pois considera os atuais professores mal preparados e salienta que, da forma como é feito o ensino de música, o máximo que se consegue é uma recreação que não acrescenta em nada à formação musical.

#### 1.1.4.4 Ações práticas para lidar com a heterogeneidade

Para lidar com a heterogeneidade, S4 acha importante evitar situações de muita exposição, em que o aluno vá perceber diretamente essa diferença. Simultaneamente, pensa que o professor deve dar tempo para que o estudante com dificuldade alcance o restante da turma. Além disso, acha importante criar um ambiente que transmita a idéia de continuidade. Ela faz isso através do repertório e acredita que seja um motivador, pois estimula a curiosidade no aluno.

S4: *“Uso um exemplo lá na frente e aquilo vira meio que uma cena dos próximos capítulos. [...] uma música serial em PEM I, por exemplo, eu dou uma deixa do que vai vir pela frente”*.

Uma das suas práticas é dar atenção individualizada e enfatiza a necessidade de diálogo com os alunos. Procura sinalizar aos estudantes as suas dificuldades, sugerindo procedimentos de estudo, pois pensa que, como a percepção envolve várias habilidades, é natural que algumas delas estejam menos desenvolvidas que outras. Ela possui um site na internet com vários softwares de treinamento auditivo e se utiliza desse recurso para indicar estudos específicos para cada aluno. Além disso, indica livros e escolhe os temas dos trabalhos de acordo com as dificuldades de cada um para que, no realizar do trabalho, o aluno esteja preenchendo as suas lacunas em percepção musical.

S4 acredita que o principal desafio no lidar com a heterogeneidade é a avaliação, pois esta representa o momento em que o professor deve escolher um nível de referência. Ela considera que, em uma turma heterogênea, a melhor forma de avaliar é individualmente e na forma de trabalhos feitos em casa.

S4 salienta que o uso do repertório do próprio aluno colabora para tornar o aprendizado natural e espontâneo e que isso pode ajudar no lidar com essa heterogeneidade. Através dessa estratégia, o estudante se familiariza com o conteúdo porque este não se distingue da sua vivência musical.

Quanto ao trabalho dos professores de Percepção Musical da UNIRIO, observa que ocorre certa uniformidade entre seus trabalhos, mesmo que isto não seja previamente planejado. Ela explica isso a partir da constatação da existência de pouca literatura sobre o tema, o que faz com que coincidam alguns autores de referências. Fora isso, percebe que não há, entre os docentes, uma integração de metodologia, excluindo-se a ementa que deve ser cumprida por todos. S4 acredita que seria enriquecedor se houvessem encontros nos quais os professores pudessem refletir sobre a disciplina. Apesar de considerar interessante a diversidade de trabalho entre os docentes, acredita que, enquanto pesquisadores, poderiam questionar algumas metodologias, referências bibliográficas, atividades, conteúdos, ementa, etc. De qualquer forma, como os professores atualmente têm ações individualizadas, S4 pensa que o ideal é que exista uma continuidade nas turmas, para que um aluno possa começar e terminar o curso com o mesmo professor.

## 1.2 Resultado da Análise das Entrevistas

A partir da análise das entrevistas, pudemos constatar a grande importância da disciplina Percepção Musical no contexto da graduação em música na UNIRIO. Segundo o ponto de vista de seus professores, a matéria permite o desenvolvimento da consciência da prática musical e da independência do aluno, além de possuir caráter abrangente, englobando conteúdos de muitas das outras matérias do currículo. A questão da heterogeneidade é, de fato, relevante, pois podemos constatar que a diversidade de alunos afeta diretamente o trabalho realizado pelo professor da disciplina.

Os docentes entrevistados percebem uma forte influência do fator psicológico nessa heterogeneidade, pois sentem que as diferenças, muitas vezes, tornam as pessoas inseguras e resistentes. Em relação a facilidades e dificuldades, bem como a mais ou menos inibição e confiança, foram traçados alguns perfis de alunos. De modo geral, pode-se dizer que esses

diferentes níveis de rendimento estão relacionados à vivência musical do aluno. O ouvido absoluto não foi citado por nenhum dos entrevistados, donde podemos concluir que não exerce influência nessa questão.

Entre as razões para a existência de heterogeneidade, a educação musical de base teve destaque na explanação dos professores tanto no que tange à sua qualidade como à quantidade de cursos disponíveis para essa formação inicial. O enfoque na técnica, a falta de docentes preparados e a educação musical nas escolas foram citados como aspectos negativos dessa formação que faz com que os músicos, ao ingressarem na universidade, não estejam preparados para cursar a disciplina. De certa forma, o vestibular permite que essas pessoas ingressem na faculdade. Conseqüentemente, elas apresentam muitas dificuldades na hora de estudar Percepção Musical, matéria do primeiro período. É sintomático, portanto, que a heterogeneidade seja mais gritante em turmas de PEM I.

Quanto às habilidades necessárias para que o professor da disciplina faça frente a essa diversidade, destacou-se, no discurso dos entrevistados, a preocupação com a avaliação e com a atenção individualizada. Também foram citadas a flexibilidade, a sensibilidade, a delicadeza e o diálogo com o aluno. Ainda foram sugeridas abordagens que priorizassem a prática musical com o uso dos instrumentos dos estudantes, e o uso do repertório dos discentes na atividade de apreciação musical, além da dispensa de alunos fortes da freqüência às aulas.

Quanto à avaliação, muitas propostas foram feitas, como compor aulas difíceis e provas fáceis, o fim da prova de solfejo individual, levar em consideração a evolução do aluno ao longo do curso, propor parcerias entre alunos fortes e fracos e passar trabalhos individuais para serem feitos em casa.

Foram pouco mencionados pelos entrevistados, os tipos de materiais que utilizam em seus trabalhos na disciplina, o que nos permite inferir que essa escolha não é influenciada pela questão da heterogeneidade. S4 foi a única professora que demonstrou atenção quanto a isso,

salientando o uso de softwares e indicações bibliográficas. Quanto ao repertório, não há também muitas preocupações. Mais uma vez, S4 foi a única docente que afirma se utilizar do repertório em todas as aulas, inclusive ressaltando que gostaria de somente trabalhar com esse recurso em sala de aula. S3 também mencionou o uso de repertório, entretanto mostra que isso não é uma prioridade no seu trabalho, visto que somente o utiliza quando a turma está confortável com o conteúdo. De qualquer forma, S3 e S4 ressaltaram que a universidade não dá conta de atender a todas as demandas de repertório dos estudantes.

As estratégias da equipe de professores precisam ainda ser delimitadas. Pelos dados obtidos nas entrevistas, pôde-se constatar que há pouca integração entre os docentes. No entanto, essa integração é vista como uma necessidade pela maioria dos entrevistados. Acreditamos que exista um movimento atual na instituição que se encaminha para isso, pois percebemos um interesse por parte dos professores. Atualmente, a mobilização em torno do vestibular é o que há de mais forte nas discussões entre os mesmos, pois muito se debateu a esse respeito nesse primeiro semestre de 2011.

Quanto à uniformidade de trabalhos feitos pelos professores, não há um consenso quanto a essa resolução. Podemos perceber uma preocupação com a preservação da personalidade de cada um. De qualquer forma, todos concordaram que o debate sobre a atuação na disciplina seria proveitoso para o desenvolvimento da mesma.

Estruturalmente, o nivelamento foi colocado como uma das principais possibilidades de se fazer frente à questão da heterogeneidade. Outras estratégias foram propostas, como aulas de monitoria, curso de férias e formação de turmas menores.

Apesar de ficar constatado que a heterogeneidade é inevitável e até rica em alguns aspectos, ficou claro que o desnível entre os alunos gera dificuldades para os professores e que um esforço para diminuição dessas diferenças nas turmas é válido.

## CONCLUSÃO

Não pensamos que o fim da heterogeneidade possa ser uma solução positiva ou até mesmo viável para os desafios por ela causados. É natural que diversas necessidades de aprendizagem surjam a partir de diferentes experiências em música e que múltiplas vivências acabem por ditar ritmos de aprendizado discrepantes. Não podemos questionar a diversidade de necessidades cognitivas existente, por exemplo, entre pessoas que estudaram música de forma acadêmica e outras, de formação autodidata. A multiplicidade é um traço de realidade que no meio musical se torna evidenciado, pois são muitas as possibilidades de atuação em música.

Existe, nas graduações em música, esse encontro que é, sem dúvida, rico. Mas não podemos deixar de observar que é, também, gerador de uma realidade complexa para o professor, que deve liderar um trabalho feito de forma harmônica, inclusiva e que, portanto, deve levar em conta todas essas peculiaridades e singularidades. Consideramos importante levar em conta os anseios, as angústias e as idéias do educador musical para que possamos buscar novos caminhos para a educação musical.

A partir do nosso trabalho de pesquisa pudemos concluir que o fator psicológico influencia bastante na heterogeneidade, pois os alunos sentem o desnível e ficam angustiados, muitas vezes, tornam-se inseguros, entediados e resistentes ao estudo. O professor deve estar, portanto, atento a estes fatores, buscando maneiras de deixar os estudantes confiantes, seguros, tranquilos e motivados. Dar atenção individualizada, trabalhar com o repertório do próprio aluno, naturalizando, assim, o aprendizado e permitir que o estudante utilize o seu instrumento musical como ferramenta para alcançar os objetivos da disciplina são algumas medidas que podem ser bastante motivadoras e auxiliadoras no desenvolvimento da autoconfiança nos discentes.

Durante a pesquisa, sentimos falta de referências aos materiais utilizados pelos professores em sala de aula e supomos que não exista um cuidado sistemático com esses materiais que vise adaptá-los para que, assim, possam atender às singulares demandas surgidas em uma turma heterogênea de Percepção Musical. Analogamente, suspeitamos que o repertório também não seja alvo de reflexões que busquem caminhos para a sua utilização em sala de aula. Acreditamos na validade de uma investigação sobre esses recursos, pois eles, se bem tratados, podem auxiliar os estudantes que possuem dificuldades específicas e motivar alunos de diferentes perfis.

Existe uma diversidade de perfis de alunos que está relacionada às suas vivências musicais. Essas são expressas por facilidades e dificuldades específicas, gerando desníveis em relação às frentes trabalhadas nas aulas de Percepção Musical (melódica, rítmica e harmônica). Pensamos que, talvez, essa multiplicidade possa dificultar o processo de nivelamento, pois é possível que haja discrepâncias muito grandes entre, por exemplo, a percepção melódica e harmônica de um músico. Isso poderia gerar complexidades na hora de alocá-lo em algum nível do curso. De qualquer forma e independente das eventuais complicações, o nivelamento nos parece ser uma das principais possibilidades de se fazer frente à questão da heterogeneidade atualmente. Outras estratégias, como aulas de monitoria, curso de férias e formação de turmas menores podem servir de apoio aos alunos com mais dificuldades na matéria.

Tanto o trabalho com nivelamento como o feito em de sala de aula passam por uma questão relevante no contexto da heterogeneidade, que é a da avaliação. Quando analisamos essa diversidade e percebemos as discrepâncias e desníveis, estamos avaliando. O trabalho do professor está calcado na avaliação, pois é a partir dela que eventuais problemas são diagnosticados e se pode pensar em possíveis soluções. É, portanto, de extrema importância que o professor tenha cuidado com os seus processos avaliativos. Num contexto de

heterogeneidade, muitas vezes, é difícil vislumbrar um nível de referência para se medir os rendimentos. O ideal, no nosso ver, é avaliar a evolução de cada estudante na hora de pontuar. De qualquer forma, o professor deve estar atento às lacunas de cada um de seus alunos e, assim, sugerir estudos caseiros que façam com que os estudantes se concentrem nas suas dificuldades. É interessante, portanto, que o educador acompanhe a evolução do estudante e que, também, sugira parcerias entre os integrantes da turma, criando um ambiente de cooperação.

Acreditamos que a iniciação musical exerce influência sobre o aprendizado posterior em Percepção Musical, pois a disciplina exerce um papel de continuidade e aprofundamento dos conteúdos vivenciados na primeira fase do aprendizado musical. Sendo assim, os dois princípios da matéria seriam sistematizar conteúdos prévios e desenvolver novas habilidades. É nesse sentido que a educação musical de base tem importância e pode influir nos níveis de rendimento em Percepção Musical. Supomos que há, no Brasil, uma carência de cursos disponíveis para essa formação inicial e que o ensino de música oferecido nas escolas não ofereça um significativo aproveitamento, pois ainda é falha e superficial, além de que faltam profissionais qualificados para seus quadros docentes. A educação musical de base a que o estudante de música tem acesso geralmente possui um enfoque muito forte na técnica e pouco privilegia o desenvolvimento de compreensão musical e isso faz com que esse músico chegue despreparado à universidade.

Pensamos que seria positivo se o curso de Percepção Musical da UNIRIO tivesse aumentada, a sua duração, pois a ementa é pesada e isso faz com que certas atividades sejam postas de lado por falta de tempo, além de que, a disciplina tem caráter complementar às outras matérias do currículo e, sendo assim, acreditamos que seria ideal que essa complementação seguisse ao longo de toda a formação do músico. Pensamos que, se assim fosse, os músicos teriam mais tranquilidade para superar as suas dificuldades na disciplina.

Como muito do que é feito na matéria é treinamento, e como todo treinamento leva um tempo para mostrar resultados, compreendemos que o curso seria mais bem aproveitado se o ritmo de cada aluno fosse respeitado e, talvez, isso só seja possível se o curso não tiver caráter intensivo, como acontece hoje.

A partir dessas reflexões, convidamos os pesquisadores a continuar investigando e debatendo sobre a heterogeneidade em turmas de Percepção Musical da UNIRIO. Um trabalho voltado para o corpo discente seria bastante complementar a essa monografia, pois os alunos assim se expressariam quanto a esse problema e transmitiriam a sua visão crítica dessa realidade da qual também participam ativamente. Análises dos currículos dos cursos, da ementa da disciplina e dos exames de THE do vestibular também poderiam fornecer bases para reflexões que pudessem culminar em soluções estruturais para a questão da heterogeneidade.

Pensamos que fomos felizes no trabalho de pesquisa, pois conseguimos alcançar o nosso intento de trazer à tona o problema da heterogeneidade e vimos surgir, no decorrer da pesquisa, relevantes considerações, idéias que, no nosso ver, podem auxiliar no lidar com esses desafios. Acreditamos que pudemos sugerir discretamente caminhos para que a disciplina, na UNIRIO, seja cada vez mais bem aproveitada e evolua sempre para uma realidade cada vez mais inclusiva, onde as diferenças sejam acolhidas e respeitadas e o aluno seja valorizado em toda a sua singularidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Maria Flávia Silveira. Percepção Musical Sob Novo Enfoque: A Escola de Vigotski. *Música Hodie* – Publicação do Programa de Pós-Graduação em Música – Mestrado em Música da UFG, Goiânia, vol. 5, n<sup>o</sup>2, p. 91/105, 2005.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: edições 70, 2002.
- BERNARDES, Virgínia. *A música nas escolas de música: a linguagem musical sob a ótica da percepção*. 2000. 215p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- BHERING, Maria Cristina Vieira. *Repensando a Percepção Musical: uma proposta através da música popular brasileira*. 2003. 105p. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- GERLING, Cristina Capparelli. Bases para uma metodologia de percepção musical e estruturação no 3<sup>o</sup> grau. *Revista da ABEM*, [s.l.], ano 2, n. 2, p.21-26, junho de 1995.
- GOLDENBERG, Ricardo; OTUTUMI, Cristiane. Análise de conteúdo segundo Bardin: procedimento metodológico utilizado na pesquisa sobre a situação atual da Percepção Musical nos cursos de graduação em música do Brasil. *Anais IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. Maio de 2008. São Paulo.
- GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. São Paulo: Escrituras, 2006.
- GROSSI, Cristina de Souza; MONTANDON, Maria Isabel. Teoria sem mistério – questões para refletir sobre a aprendizagem da grafia musical na prática. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 1., 2005, Curitiba. *Anais 1<sup>o</sup> Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais*. Curitiba: UFPR, 2005. p.120-127.
- LACORTE, Simone. Percepção Musical no âmbito das escolas de música: uma reflexão de sua práxis a partir dos diversos órgãos dos sentidos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 1., 2005, Curitiba. *Anais 1<sup>o</sup> Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais*. Curitiba: UFPR, 2005. p.138-145.
- NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, USP, vol. 1, n.3, 2<sup>o</sup> semestre de 1996.
- OTUTUMI, Cristiane Hatsue Vital. *Percepção Musical: Situação Atual da Disciplina nos Cursos Superiores de Música*. 2008. Dissertação (Mestrado em Música). UNICAMP.